



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Campus Nilópolis

Programa de Pós-graduação *Lato Sensu*

Especialização em linguagens artísticas, cultura e educação

NATÁLIA ALVES DOS SANTOS

**AS RODAS CULTURAIS ANTES E DURANTE A
PANDEMIA: COMO INSTRUMENTO DE
NEGOCIAÇÃO DA CIDADANIA PARA JOVENS
PERIFÉRICOS EM DUQUE DE CAXIAS**

Nilópolis/ RJ

2022

NATÁLIA ALVES DOS SANTOS

**AS RODAS CULTURAIS ANTES E DURANTE A PANDEMIA: COMO
INSTRUMENTO DE NEGOCIAÇÃO DA CIDADANIA PARA JOVENS
PERIFÉRICOS EM DUQUE DE CAXIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal do Rio de
Janeiro como requisito parcial para a
obtenção do grau de Especialista em
Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Fernanda Delvalhas
Piccolo

NILÓPOLIS, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

CIP - Catalogação na Publicação

A474r Alves dos Santos , Natália
AS RODAS CULTURAIS ANTES E DURANTE A PANDEMIA: :
COMO INSTRUMENTO DE NEGOCIAÇÃO DA CIDADANIA PARA
JOVENS PERIFÉRICOS EM DUQUE DE CAXIAS / Natália Alves dos
Santos - Nilópolis , 2022.
48 f. ; 4 cm.

Orientação: Fernanda Delvalhas Piccolo.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização), Especialização
em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus
Nilópolis, 2022.

1. Duque de Caxias. 2. Hip Hop. 3. Juventude . 4. Roda Cultural.
5. Cidadania . I. Delvalhas Piccolo, Fernanda , **orient.** II. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III.
Título

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
- Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecário: Elon F. Lima CRB-7/5783

NATÁLIA ALVES DOS SANTOS

AS RODAS CULTURAIS ANTES E DURANTE A PANDEMIA: COMO INSTRUMENTO DE NEGOCIAÇÃO DA CIDADANIA PARA JOVENS PERIFÉRICOS EM DUQUE DE CAXIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Aprovado em 14/06/2022

Banca Examinadora



Profa Dra Fernanda Delvalhas Piccolo
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)



Prof. Dr. João Guerreiro (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)



Profa Dra Marcela Tavares Botelho
Instituto Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado serenidade para chegar até aqui.

A minha orientadora Fernanda Delvalhas Piccolo, pela disponibilidade, por mesmo em tempos caóticos ter tido toda a paciência e afeto durante a elaboração da pesquisa.

A Ângela Coutinho que acompanhou a pesquisa no início e foi o olhar sensível e carinhoso durante todo período que esteve presente e continua sendo fonte de inspiração na escrita.

A todo corpo docente do LACE, pelos ensinamentos fundamentais para minha formação profissional e humana.

Aos meus pais, Amaury e Ana Paula, que mesmo diante das dificuldades e distância sempre me encorajaram, sempre foram ombro amigo e afago.

Aos meus colegas de curso que foram ombro amigo durante o ano de 2019 e principalmente na reta final da escrita.

As minhas meninas, que tornaram essa jornada mais leve, eu não seria nada sem os sorrisos e as trocas e o amor que nutrimos umas pelas outras.

Ao Sérgio, pela cumplicidade, companheirismo e paciência.

Aos meus amigos da Educafro que fizeram parte do encerramento deste ciclo.

Ao meu avô por ser fonte inesgotável de inspiração.

A banca pela contribuição e acolhida nas observações.

Aos professores do IFRJ.

A todos que me ajudaram até aqui, muito obrigada!

AS RODAS CULTURAIS ANTES E DURANTE A PANDEMIA: COMO INSTRUMENTO DE NEGOCIAÇÃO DA CIDADANIA PARA JOVENS PERIFÉRICOS EM DUQUE DE CAXIAS

RESUMO: Duque de Caxias, mesmo diante da constante ênfase acerca de seus aspectos negativos, dada pela mídia e absorvida pelo senso comum, vem se mostrando como uma das regiões mais férteis no âmbito da cultura, pois em seu território afloram a cada dia iniciativas que por meio da arte, especificamente da cultura Hip-Hop, impulsionam a auto representação dos sujeitos, e possibilitam o fortalecimento do vínculo da população com o seu lugar de origem. Este trabalho por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa netnográfica e entrevistas, se propõe a analisar de que forma as rodas culturais contribuem para que a cidadania ocorra para jovens periféricos antes e durante a pandemia, para além disso, aponta como produtoras culturais dos coletivos das rodas fomentam ações para driblar a falta de equipamento destinados às práticas culturais, a frágil gestão pública na região. Fortalecendo a noção de cultura como um direito.

Palavras - chave: Duque de Caxias, Hip - Hop, Juventude, Roda Cultural, Cidadania.

**AS RODAS CULTURAIS ANTES E DURANTE A PANDEMIA: COMO
INSTRUMENTO DE NEGOCIAÇÃO DA CIDADANIA PARA JOVENS
PERIFÉRICOS EM DUQUE DE CAXIAS**

ABSTRACT:Duque de Caxias, even in the face of constant emphasis on its negative aspects, given by the media and absorbed by common sense, has been showing itself as one of the most fertile regions in the field of culture, because in its territory initiatives emerge every day that through art, specifically Hip-Hop culture, boost the self representation of the subjects, and enable the strengthening of the bond of the population with their place of origin. This work, by means of bibliographic research, netnographic research, and interviews, proposes to analyze in what way the cultural rodas contribute to the citizenship of peripheral youngsters before and during the pandemic. Furthermore, it points out how the producers of cultural rodas foment actions to circumvent the lack of equipment for cultural practices and the fragile public management in the region. Strengthening the notion of culture as a right.

Keywords:Duque de Caxias, Hip - Hop, Youth, Cultural Roda, Citizenship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – CARTILHA DAS RODAS CULTURAIS ALERJ	20
Figura 2 – Print de postagem Logo da Batalha do Raul Cortez do Facebook da Batalha do Raul Cortez.....	27
Figura 3 – Print de postagem Logo da Roda Cultural do Centenário.....	28
Figura 4 – Print de postagem do Instagram da Batalha do Raul Cortez do dia 30 de março de 2020.....	30
Figura 5 – Print do vídeo de youtube do RESUMÃO da Batalha do Raul Cortez.....	31
Figura 6 – Print de postagem do Instagram da Batalha do Raul Cortez do dia 18 de agosto de 2020.....	33
Figura 7 – Postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 30 de março de 2020.....	35
Figura 8 – Print de postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 01 de abril de 2021.....	36
Figura 9 – Print de postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 11 de outubro de 2021.....	37
Figura 10 – Print de postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 27 de novembro de 2021.....	38

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - HIP HOP: ORIGEM E DESDOBRAMENTOS NO BRASIL	15
1.1 DOS ESTADOS UNIDOS PARA A BAIXADA FLUMINENSE.....	16
1.2 - A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO E SUA REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA	17
CAPÍTULO 2 - A CULTURA COMO DIREITO	19
2.1 - A CULTURA É UM DIREITO.....	20
2.2 - JUVENTUDE E CIDADANIA CULTURAL.....	24
CAPÍTULO 3 - AGENCIAMENTOS DA JUVENTUDE DE DUQUE DE CAXIAS	26
3.2 - RODA CULTURAL BATALHA DO RAUL CORTEZ	27
3.3 - RODA CULTURAL BATALHA DO CENTENÁRIO	29
3.4 - A PANDEMIA DE COVID-19.....	30
3.4.1 - A BATALHA DO RAUL CORTEZ NA INTERNET E NOS TERRITÓRIOS NA PANDEMIA	30
3.4.2 - A RODA CULTURAL DO CENTENÁRIO NA INTERNET E NO TERRITÓRIO NA PANDEMIA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

A presente monografia aborda manifestações culturais intituladas rodas culturais. O conceito do que vem a ser roda cultural não é único, mas em síntese de acordo com (CARRANZA,2019): as rodas culturais são eventos públicos, surgidos recentemente na cena carioca e ligados ao movimento *hip hop*. A modalidade de roda cultural implica na ocupação de locais públicos a partir da confluência de diferentes artistas de rua, principalmente relacionados às manifestações do *hip hop* (*rap, break, grafite, batalhas de rima, freestyle, discotagem, skate, poesia*).

Já para (ALMEIDA,2019) pesquisadora das rodas culturais, as rodas se configuram como manifestação que promovem práticas de valorização identitária e coesão social através da realização de encontros comunitários principalmente mobilizados em torno da palavra literária através de batalhas de rimas, mas também com a realização de performance de pintura a céu aberto, shows musicais, duelos de dança e microfone aberto, podendo acontecer com periodicidade semanal, quinzenal ou mensal. É necessário pensar na roda como perspectiva emancipatória para juventude, sem contudo ignorar as contradições inerentes aos fenômenos inscritos sob o modo de produção capitalista (SILVA,2010)

Em síntese as rodas culturais são ocupações de praças e espaços públicos, ociosos, com intervenções artísticas. No Rio de Janeiro, na baixada fluminense, essas ocupações em sua maioria giram ao entorno da cultura do rap e do hip-hop.

A partir da análise, com o olhar das ciências humanas e sociais, das atividades desenvolvidas por membros de duas Rodas Culturais que ocorrem no município de Duque de Caxias: a Batalha do Raul Cortez, que ocorre no entorno do Teatro Raul Cortez, na Praça do Pacificador, dentro de Duque de Caxias e Roda do Centenário junto à população do Complexo da Mangueirinha, este trabalho oferece alguns dados à discussão sobre os processos de atuação da juventude periférica na realização de algumas práticas artísticas, manifestações culturais da cultura Hip - Hop, que são consideradas no presente trabalho como recursos políticos e informacionais geradores de processos de mudanças sociais no território.

As rodas culturais, nesta perspectiva é compreendida como um mecanismo da juventude ter instrumentos para a negociação da cidadania e dos direitos

fundamentais tais como a cultura e o lazer, mas também para além disto, o direito à vida, à liberdade, à moradia digna, à alimentação que corroboram para o exercício da cidadania plena.

Como a maioria dos municípios da Baixada Fluminense, Duque de Caxias por um longo período circulou no imaginário midiático como lócus de ausência e violência. De acordo com ENNE(2013) entre as décadas de 1970-1980 do século XIX, a Baixada Fluminense foi caracterizada pela imprensa carioca como um “outro” exótico e perigoso, “terra sem lei”, “terra de ninguém”, lugar de falta de ação política e policial, um espaço de desmandos, pobreza, insegurança, valas negras, falta de cultura e atraso dentre algumas concepções negativadoras.

Duque de Caxias, em 2010 ocupava a 1574^a posição entre 5.565 municípios brasileiros no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano-Municipal (IDH-M), segundo RAULINO (2013), ao redor da maior refinaria de petróleo do país, está também uma das áreas mais miseráveis do estado.

O Complexo da Mangueirinha, como bolsão de pobreza, é o retrato desta desigualdade social, como toda favela, apresenta uma diversidade de pessoas: imigrantes nordestinos, negros, mineiros, crenças, pessoas com rendas distintas e escolaridade. Este complexo de favelas possui localização que está a 25,9 km do centro do Rio de Janeiro, pela via Expressa Presidente João Goulart/ Linha Vermelha.

O Complexo da Mangueirinha em 2014 recebeu a primeira (UPP) Unidade de Polícia Pacificadora da Baixada Fluminense, no bairro do Centenário¹, esse conjunto de favelas segundo a mídia, matérias de jornais é uma das áreas mais violentas do município de Duque de Caxias, possui uma população estimada de 25 mil pessoas. De acordo com o Mapa da Desigualdade de 2020 da Casa Fluminense, o rendimento nominal médio mensal das pessoas de Duque de Caxias varia entre R\$500,00 (quinhentos reais) e R \$1.000,00 (Hum mil reais), ou seja até um salário mínimo. Quase 66,7% da população é negra e parda. em relação ao número total de habitantes, a população feminina é maior que a masculina. Também de acordo com o

¹Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/primeira-upp-da-baixada-fluminense-inaugurada-no-complexo-da-mangueirinha-em-caxias-11541191.html>> Acesso em 22/02/2022

Mapa da Desigualdade 73,9% da população negra assassinada no município pelo Estado foram em decorrência de intervenção policial².

Durante a escrita desta pesquisa, no mês de abril, Duque de Caxias, como município mais populoso do Rio de Janeiro de acordo com o relatório mensal do Fogo Cruzado, foi a cidade com mais tiroteio no mês, com 35 tiroteios, 15 pessoas baleadas, 5 mortas e 10 feridas.

Com média no IDEB³ (- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), escolas públicas - Anos finais do Ensino Fundamental de 3,6 nota abaixo da média nacional que é de 5,9. Com 10,2 turmas com mais de 35 estudantes em escolas públicas, o que equivale a déficit de vagas, podendo ser um dos fatores que geram evasão escolar.

Com um percentual de 0,11% de despesas empenhadas em Cultura no orçamento municipal. As políticas culturais de fomento como foco no fortalecimento desta cadeia produtiva são estratégias para estimular o desenvolvimento local e sustentável, e a criação de conhecimento e expressões artísticas inovadoras. O investimento neste setor no município é irrisório. O município possui quatro museus.

Evidenciando que mesmo todos os territórios e suas comunidades sendo consideradas produtoras de cultura e memória. Não há um investimento do município para equipamentos formais de reconhecimento, valorização e preservação dessas vivências. Refletindo no apagamento histórico, observada a ausência de investimento na produção de novos lugares de memória e representações para além dos oficiais.

Há pouquíssimos equipamentos culturais, Duque de Caxias conta somente com 8 salas de cinema para 924.624 habitantes - de acordo com o (IBGE,2010) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cerca destes habitantes, somente 41,8% possui acesso à internet, banda larga fixa e os outros 386.492832 habitantes acessam à internet somente através de redes móveis, o que gera um acesso com maior instabilidade e impõe limitações aos usos de dados.

² Mapa da Desigualdade - Casa Fluminense. Disponível em <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/?gclid=Cj0KCQjw4uaUBhC8ARIsANUuDjW2WW4anH7FuUYGND1Yu3Ah9X05V1KOtWMehNlv4zbKCvP5G7dxTb0aAswIEALw_wcB> Acesso em 17/02/2022

³ IDEB. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/duque-de-caxias/panorama>> Acesso em 17/02/2022

Milhares de jovens assumiram um protagonismo que não acontecia nas ruas do Brasil desde o movimento dos caras pintadas em 1992. Uma juventude conectada e tecnológica, que sai da frente do celular e do computador para invadir a cena pública.

Se organizando e tomando as praças, as ruas dos grandes centros, ocupando os espaços públicos, como catarse coletiva, apartidária e de causas múltiplas. Evidenciando que a juventude brasileira não é alienada e sim engajada e comprometida com os rumos do país.

Nesse contexto, a pesquisa tem como o objetivo de compreender como a juventude agencia outro devir para si, pros seus e pro território a partir da roda cultural. No intuito de compreender quais os agenciamentos circunscritos nas batalhas antes e durante a pandemia por meio da arte.

Minha relação com os membros da Batalha do Raul Cortez e da Batalha do Centenário se dá neste contexto, faço parte do Movimento RUA de juventude anticapitalista e nosso lema é uma frase do poema de (LEMINSKI, 2013, p. 24): “Ainda vão me matar numa rua. Quando descobrirem, principalmente, que faço parte dessa gente que pensa que a rua é a parte principal da cidade”.

O RUA tem uma frente de educação popular, o “Mais Nós”, que foi uma iniciativa que surgiu em 2015, com sede no Complexo da Mangueirinha, também com polo em Nilópolis e nas formações pedagógicas conheci uma das lideranças Wesley, que vinha do movimento secundarista de 2013 de ocupação nas escolas.

O objetivo em síntese do Mais Nós é democratizar o acesso de pessoas negras, periféricas e lgbtqi+ nas universidades, no sentido de pintar a academia de povo. No envolvimento com o pré-vestibular popular, acabei conhecendo alguns moradores do Complexo da Mangueirinha que agenciavam rodas de rimas, grafite, exibição de filmes para crianças, arte e rodas de debates com as mulheres daquele território.

E parte daí a necessidade de compreender como as manifestações culturais agenciadas por jovens inseridos num contexto periférico e com diversos problemas se tornam um instrumento de negociação da cidadania, na perspectiva de reivindicar direitos que em tese são inalienáveis.

Como esses jovens se percebem como sujeitos de direitos e na ausência do Estado, ou na presença ostensiva, militarizada, fissuram a narrativa midiática do território como violento e exótico e promovem lazer para si e para os outros moradores de Duque de Caxias na perspectiva do Hip Hop como o caminho dos agenciamentos para cidadania.

Desta forma a monografia se estrutura em três capítulos: onde o primeiro consistirá em uma breve definição sobre o movimento Hip Hop e sua eclosão no Brasil e na Baixada Fluminense, as características do Hip Hop enquanto atividade cultural realizada pela juventude periférica, bem como todas as influências e atravessamentos até a forma atual significada e ressignificada pela periferia. Abordaremos também a maneira como as manifestações artísticas do Hip Hop são uma importante ferramenta de contestação e como os movimentos periféricos na Baixada Fluminense, especificamente em Duque de Caxias ganharam um espaço no cenário sociocultural.

No segundo capítulo serão destacadas algumas informações que contribuem para o entendimento acerca da cultura como direito para juventude as negociações e agenciamentos dos coletivos de Duque de Caxias para que a cultura expressa nas rodas culturais sejam instrumentos para que a cidadania cultural seja um direito no território e na rede. Além da descrição dos coletivos: Batalha do Raul Cortez e Batalha do Centenário e atuação dos artistas locais no cenário físico e virtual no contexto de Covid-19.

O terceiro capítulo abordará uma síntese de como a arte expressa nas manifestações do Hip - Hop são como ferramentas políticas, e como a partir desses agenciamentos e com o advento das novas tecnologias da comunicação e informação houve a difusão das rodas. Descrevendo também em qual contexto as rodas eclodiram e se mantiveram para falar e mudar a realidade periférica de Duque de Caxias.

A metodologia utilizada partiu do Paradigma das Novas Mobilidades (Sheller e Urry, 2006, 2016). Para Urry, na virada do milênio houve uma intensificação de fluxos que envolvem boa parte das sociedades, demandando, uma nova forma de pensar as sociedades e a sociologia. Considerando que as mobilidades são um fenômeno social complexo que vai além das dimensões físicas, corporais e econômicas. Na perspectiva de dialogar com a sociedade em rede.

O paradigma visa investigar o papel estruturante dos movimentos nas instituições e práticas sociais, que envolvem diversas conexões presenciais ou a distância, via dispositivos como celulares e computadores, ou com as redes sociais. Diferentes modos de mobilidades e suas complexas combinações: como os deslocamentos virtuais ou viagens imaginativas, transcendendo distância, estruturantes das instituições e relações sociais na contemporaneidade. (Sheller e Urry, 2016:11, trecho traduzido por MORAES,2017).

Nesta perspectiva com a i-mobilidade , a ausência de deslocamentos devido a pandemia Covid'19, por meio de viagens imaginativas, ou seja, acesso às redes sociais dos Coletivos Batalha do Raul Cortez e Roda Cultural do Centenário, o paradigma é utilizado como referencial teórico para perceber como diante da ausência de deslocamentos, os artistas que promovem as rodas culturais mantiveram as rodas se movimentando, o imaginário sobre Duque de Caxias em suas redes sociais.

Com uma interseção com a Netnografia que foi inicialmente desenvolvida em pesquisas no marketing, como forma de entender as relações de consumo (KOZINETS,2014). Voltei-me para observação das comunidades virtuais, on-line situadas no ciberespaço dos coletivos culturais: Batalha do Raul Cortez e Roda do Centenário.

Também será destinado a apresentação dos resultados obtidos a partir de entrevistas realizadas com as representantes dos coletivos, bem como a apresentação das batalhas por elas organizadas.

Essa pesquisa tem como intuito dirimir um pouco os estigmas que Duque de Caxias carrega acerca da violência, miséria, vulnerabilidade social, imposto pela mídia hegemônica, apontando evidências de que o município e Duque de Caxias transformou-se em um grande lócus de efervescência cultural da e pra juventude no Rio de Janeiro, apresentando as protagonistas que ajudam a construir esse cenário vivo e representativo da cultura periférica, neste caso utilizando as rodas culturais ou batalhas de rimas como recorte.

CAPÍTULO 1 - HIP HOP: ORIGEM E DESDOBRAMENTOS NO BRASIL

No presente capítulo apresentaremos um breve histórico do Hip Hop, desde sua origem no Bronx, periferia dos Estados Unidos, no final da década de 1970 até a chegada no Brasil juntamente com artistas periféricos. O objetivo deste capítulo, além de apresentar o panorama da história do Hip Hop, é também mostrar o quanto as camadas mais populares da sociedade apropriaram-se da arte como ferramenta para o alcance de seu protagonismo.

A mistura no Movimento Hip Hop é uma lógica de organização que aproxima três linguagens artísticas: o Rap com o som, o Break com o movimento dos corpos nas danças, o Grafite com a manifestação estética nos muros da periferia. No começo, no Bronx, participavam imigrantes negros e latinos, grupos que não eram percebidos pelo Estado, sem nenhum tipo de assistência, em bairros violentos e com a ausência de equipamentos culturais para esses grupos, procuravam agenciar cultura local nas ruas, nos becos que permitia que eles tivessem projeção.

O pesquisador Oliveira Silveira em suas produções sobre o Hip Hop, analisa que sempre houve a necessidade de preservação da cultura negra, no Sul dos Estados Unidos, como mecanismo de afirmação da voz dos afrodescendentes, que atravessados pelo racismo eram silenciados e dialoga com a questão dos Clubes Sociais fundada por negros como lugares de afeto, troca, memória e resistência.

O Hip Hop para a população negra, trata-se do direito à memória como concebe o escritor queniano Ngugi Wa Thiongo, trata-se para além do direito a narrar sua história, descolonizar a mente, revolucionando a construção da subjetividade.

Frantz Fanon (1963), em seu livro *Peles Negras Máscaras Brancas*, disserta sobre a importância crucial para os povos subordinados de afirmar suas tradições culturais e recuperar sua história suprimidas no processo de desterritorialização, nisto vale destacar o quanto na Diáspora forçosa, os negros tiveram sua cultura e identidade suprimida e marginalizada: como o samba no início, que os praticantes eram chamados de vadios, ou como na capoeira que foi coibida no início do século XIX no Brasil.

Dialogando com Fanon os descendentes dos povos que sofreram na diáspora forçosa, na atualidade refundam a sua identidade, resgatam e afirmam a partir do ritmo Hip Hop, do samba, do Funk, também dialogando com Neusa Santos no livro *Torna-se negro*, os negros a partir da década de 1970 tomam a voz. E o movimento dos negros no Hip Hop vai para além de tomar a voz, mas de significar e atuar

ativamente no agenciamento de uma vida digna, negociando a cidadania a partir da cultura.

Na Roda Cultural que é a mistura da música hip hop, do grafite e do breack há agenciamentos por meio da juventude negra e periférica na cultura, promoção de renda, agenciando o protagonismo e positivação do imaginário sobre o negro e sobre Duque de Caxias.

1.1 DOS ESTADOS UNIDOS PARA A BAIXADA FLUMINENSE

O Hip Hop é uma manifestação cultural e artística que surgiu nas periferias dos Estados Unidos, no Bronx em Nova Iorque entre 1960 - 1970. Ele foi criado por um d.j jamaicano, que levou para a periferia dos Estados Unidos a mistura dos ritmos presentes em sua viagem ao Caribe e ao Sul da África.

Surge no contexto de negros, imigrantes e periféricos, jovens que se organizavam em gangues para disputar o território e a partir da música, a disputa que a priori era física e violenta, vai para o campo da arte, com as guerras narrativas nas músicas, na dança com o break e no grafite.

De acordo com (OLIVEIRA, 2012) houve nas últimas décadas, a difusão espacial da cultura Hip Hop nas cidades brasileiras o que colocou o tema do negro e do racismo como questão chave das nossas desigualdades. Em síntese o Hip Hop representa a cultura negra em diáspora.

Segundo (SILVEIRA, 2019) a cultura Hip Hop é formada por quatro elementos básicos: o rap (a música), o Break (a dança), o grafite e o DJ (disc Jockey). Somando-se ao quinto elemento: o conhecimento. Que carrega os princípios dessa manifestação artística. (SILVA,1999, p. 58) afirma em sua dissertação de mestrado:

O quinto elemento para o hip hop é o conhecimento, a sabedoria e a compreensão. Eles percebem que antes de mudar o mundo necessitam mudar a si mesmos e a base dessa mudança seria o conhecimento, pois só ele seria o elemento de fortalecimento das bases culturais e, ao mesmo tempo, o diferencial para o questionamento e a reflexão.

De acordo com (ANDRADE,1996) no Brasil o Hip Hop define-se como um movimento que é uma organização política, social e cultural da juventude negra.

Os jovens buscavam uma identificação com alguma manifestação cultural que não lhe seja imposta, ou seja, que tenha surgido no âmbito de sua comunidade e sirva de exemplo para aqueles que estão submetidos às mesmas condições e, conseqüentemente coletivamente conquistarem uma "cidadania" que lhes teria sido negada. Assim, houve um crescimento do Hip

Hop principalmente nas periferias das cidades do Estado de São Paulo.” (SUNEGA,2002,p.14).

O Hip Hop chega primeiro em São Paulo no final da década de 70 do século XIX e início da década de 80 nas periferias, rapidamente chega ao Rio de Janeiro nos bailes black's em Madureira, com a mistura do Soul, do funk e do black music.

Ao longo das décadas o Hip Hop foi se tornando mais forte nas periferias do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense há grandes rodas culturais de rima, onde a juventude negra se encontra para se divertir, ocupando os espaços públicos, narrando suas histórias e dançando, pensando na perspectiva de que o território da Baixada Fluminense é um lugar extremamente militarizado onde jovens negros são assassinados, com um histórico de chacina.

Quando Deleuze dialoga com a potência de agir de Spinoza é possível dialogar com a realidade do Hip Hop na Baixada Fluminense:

“O poder requer corpos tristes. O poder necessita de tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência, porque ela não se rende. Alegria como potência de vida, nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria.” Gilles Deleuze

As rodas então nas periferias da Baixada Fluminense, especificamente em Duque de Caxias, se tornam agenciamentos da juventude reivindicando a alegria como potência e resistência, uma maneira de promover um novo devir para os seus e para o território por meio da roda, da batalha e do encontro com seus pares, reivindicando a cultura e arte como direito.

1.2 - A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO E SUA REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA

Para compreendermos em qual contexto as rodas culturais se fortaleceram em Duque de Caxias, torna-se fundamental delimitar a ótica sob a qual a região será abordada nesta pesquisa, que se aterá às características da área enquanto território periférico, bem como suas implicações na produção cultural.

Duque de Caxias é a região com maior população na Baixada Fluminense, que é fruto de seu processo de urbanização, iniciado na década de 40, resultado da transformação de áreas agrícolas em loteamentos urbanos. Conforme (ENNE,2004) a conversão desse lugar em região urbanizada, foi viabilizada tanto pela dinâmica de desenvolvimento econômico e industrial, que atraiu um forte contingente de migrantes, quanto pela abertura de rodovias que ampliaram as condições de acessibilidade a essa região.

A Baixada Fluminense era considerada cidade dormitório, pois a população trabalhava no centro do Rio de Janeiro, enriquecendo a metrópole. Gerando falta de circulação de ativos na região da Baixada, sendo atenuado pela ausência de atuação do poder público, refletiu na formação de uma população empobrecida e distante dos serviços e equipamentos necessários a uma condição de vida digna. O que caracteriza de acordo com (LAGO,2010) Duque de Caxias como espaço periférico.

Neste sentido, reforçando o imaginário de Duque de Caxias como espaço periférico, vale salientar que há poucos equipamentos culturais públicos e privados para que a juventude possa usufruir de lazer. De acordo com (DIAS,2019) no município há 4 bibliotecas públicas, 4 museus, 2 teatros, 1 centro cultural e um ginásio poliesportivo geridos pela prefeitura.

CAPÍTULO 2 - A CULTURA COMO DIREITO

Na teoria social crítica, de acordo com (WILLIAMS,2011) a cultura diz respeito às formas de sociabilidade, onde hoje, se colocam questões mais amplas e fundamentais que transitam entre elementos formativos e determinantes que produzem essas “culturas características”. Reúne aspectos de ordem mais global (política e economia) e específicos e derivados (produtos e símbolos: música, arte, literatura, etc). Gramsci (apud Coutinho,2000, p.53-54) destaca que:

É preciso perder o hábito e deixar de conceber cultura como saber enciclopédico no qual o homem é visto apenas sob a forma de um recipiente a encher e entupir de dados empíricos, de fatos brutos e desconexos, que ele depois deverá classificar em seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder em seguida, em cada ocasião concreta, responder aos vários estímulos do mundo exterior. Essa forma de cultura é realmente prejudicial, sobretudo para o proletariado [...] a cultura é algo bem diverso. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres. Mas nada disso pode ocorrer por evolução espontânea, por ações e reações independentes da própria vontade, como ocorre na natureza vegetal e animal, onde cada ser singular seleciona e especifica seus próprios órgãos inconscientemente, pela lei fatal das coisas. O homem é sobretudo espírito, ou seja, criação histórica, e não natureza.

A partir da segunda metade do século XIX a concepção de cultura é ampliada, de acordo com (CHAUÍ, 2008, p.55) cultura passa a ser:

entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano.

A cultura passa a ser entendida como direito e deve ser assegurada a todo cidadão. Atualmente vivemos num momento em que o direito à cultura está garantido na Constituição Federal, nas constituições estaduais. Mas o grande desafio é transformar a lei em realidade. Visto que em Duque de Caxias há como salientado acima, falta de equipamentos formais de cultura, público e privado. Fazendo com que a juventude ressignifique os espaços não canônicos para ações culturais tais como

ruas, praças, vielas. Desta forma eclodiu as rodas culturais em Duque de Caxias por meios de grupos culturais juvenis para sanar a necessidade de usufruir do lazer.

A cultura como direito surge na Declaração Universal dos Direitos dos Homens, entretanto é recente a Cultura como cerne nas políticas públicas.

No Brasil a Constituição Federal, promulgada em 1988, por meio do Artigo 215, estabelece que é dever do Estado garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, e apoiar a valorização e a difusão das manifestações culturais. Mas, os estudos e criação de políticas públicas efetivas na área da cultura em âmbito federal, estadual e municipal são, de certa forma, recentes no Brasil, pois nas últimas décadas a cultura ganhou relevância no debate sobre investimentos tanto das instituições públicas quanto da iniciativa privada.

Como observa Lia Calabre (2009), a cultura vem ganhando importância e sendo tratada sob a ótica dos direitos fundamentais garantidos ao cidadão, hoje há maior participação dos atores sociais na formulação e implementação das políticas públicas para o campo cultural.

2.1 - A CULTURA É UM DIREITO

Há quatro documentos normativos balizadores para se refletir sobre Direitos Culturais e Cidadania. De acordo com Machado (2007) os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) , do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), artigos da Constituição Brasileira (BRASIL,1988) e, a Declaração de Friburgo (2007). Vale ressaltar que é a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, como aponta (MACHADO,2011), que surge uma série de documentos das Nações Unidas que tratam do tema, como convenções, declarações e recomendações versando sobre a cultura como direito.

Em síntese os direitos culturais estão ligados a diversas questões que variam da criatividade e expressões artísticas em diversas formas materiais e imateriais. Para (FILHO,2014), os Direitos Culturais são aqueles afetos às artes, à memória individual e coletiva e ao fluxo de saberes, que asseguram a seus titulares o conhecimento e uso do passado, interferência ativa no presente e possibilidade de previsão e decisão de opções referentes ao futuro, visando sempre à dignidade da pessoa humana.

Já (PEDRO,2011 ,p.44) defende a necessidade de incorporar os Direitos Culturais aos direitos fundamentais e entende os direitos culturais como :

“(...) aqueles direitos fundamentais que garantem o desenvolvimento livre, igual e fraterno dos seres humanos em seus diferentes contextos de vida, valendo-nos dessa singular capacidade que temos, entre os seres vivos, de simbolizar e criar sentidos de vida que podemos comunicar aos outros [por meio da cultura e das manifestações culturais]”

Partindo da premissa de que todos têm direito de promover e participar da vida cultural, jovens periféricos mobilizam o território por meio da arte urbana, com o fomento de rodas culturais.

De acordo com a CARTILHA DAS RODAS CULTURAIS da ALERJ4 – Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, que surge com a finalidade de reunir um pouco da história dos espaços das rodas e dos direitos de seus organizadores e frequentadores:

Figura 1: Cartilha das Rodas Culturais ALERJ⁵



Fonte: MACENA,2019

As rodas culturais são sucesso entre a juventude do Rio de Janeiro e centenas delas acontecem semanalmente em todo o estado. São nelas que muitos jovens começam se divertindo e, com o passar do tempo, encontram na cultura hip hop uma perspectiva de vida. As rodas disputam a juventude com o crime, à medida que se tornam espaços de lazer, de geração de renda e de formação crítica.

As políticas públicas para as favelas e subúrbios não podem se resumir a operações policiais, à criminalização da cultura negra e à perseguição de seus produtores, enquanto os aparelhos culturais públicos se concentram majoritariamente na área central da capital do Rio de Janeiro.

⁴ Mais detalhes sobre a cartilha em [https://wikifavelas.com.br/images/2/26/Cartilha das rodas culturais.pdf](https://wikifavelas.com.br/images/2/26/Cartilha_das_rodas_culturais.pdf) Acesso em 01/04/2022

⁵ Rodas culturais ganham cartilha Disponível em <https://davidmassena.com/> Acesso em 22/02/2022

A roda cultural nesta perspectiva pode ser entendida como lócus de efervescência cultural para a juventude periférica, que diante a ausência de políticas públicas para o seu território, ou na presença do Estado por meio da Necropolítica (MBEMBE,2018,p.80):

Uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias, por exemplo) quem pode permanecer vivo ou deve morrer.

Que em síntese é a forma como o Estado moderno adota em suas estruturas internas o uso da força, como a violência da política de segurança pública, no Rio de Janeiro, que agencia mortes para jovens pretos e periféricos, criminalizando e coibindo manifestações artísticas e culturais tais como as rodas de rimas, slam nos espaços públicos dos municípios. Agenciando quem pode usufruir da arte ou não. Que corpos ou vozes podem ser ecoados.

Em consonância com a Cartilha das rodas culturais, em momentos próximos por meio de debate entre a sociedade civil organizada e envolvida com as rodas os governantes a partir de diálogo em assembleias na secretaria da Juventude no Rio de Janeiro há uma especificidade em 2018 um período em que havia uma projeção maior a cultura hip hop no estado foi sancionado no estado, a Lei Ordinária 787/2018.

DECLARA PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO A CULTURA HIP HOP E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. Artº 1 Fica declarada como Patrimônio Cultural de natureza imaterial do Estado do Rio de Janeiro a cultura Hip Hop e todas as suas manifestações artísticas, como breaking, grafite, rap, MC e DJ. Artº 2 Autoriza o Poder Público a assegurar e fomentar a cultura Hip Hop, a realização de suas manifestações próprias, sem quaisquer regras discriminatórias, nem diferentes das que regem outras manifestações da mesma natureza.

Rio de Janeiro,09 de fevereiro de 2018

LUIZ FERNANDO DE SOUZA D.O. RIO 05.03.2018 (RIO DE JANEIRO,2018

Entretanto, quando o Estado não agia, jovens que passaram a assumir a partir de 2013, maior protagonismo no cenário público, agenciam as rodas culturais em Duque de Caxias como negociação da cidadania.

A relação entre a arte e a política se estreitou na modernidade, segundo Rancière (2005,p.2):

(...) a arte não é política antes de tudo pelas mensagens que ela transmite nem pela maneira como representa as estruturas sociais, os conflitos políticos ou as identidades sociais, étnicas ou sexuais. Ela é política antes de mais nada pela maneira como configura um sensorium espaço-temporal que determina maneiras do estar junto ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de... Ela é política enquanto recorta um determinado espaço ou um

determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou o ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão. Porque a política, bem antes de ser o exercício de um poder ou uma luta pelo poder, é o recorte de um espaço específico de “ocupações comuns”; é o conflito para determinar os objetos que fazem ou não parte dessas ocupações, os sujeitos que participam ou não delas, etc. Se a arte é política, ela o é enquanto os espaços e os tempos que ela recorta e as formas de ocupação desses tempos e espaços que ela determina interferem com o recorte dos espaços e dos tempos, dos sujeitos e dos objetos, do privado e do público, das competências e das incompetências, que define uma comunidade política.

A arte e o movimento artístico do Hip Hop em Duque de Caxias proporcionam uma iconografia particular como expressão da identidade dos jovens da Baixada.

De acordo com CANCLINI(1997), em seu livro Consumidores e cidadãos, ele enfatiza que se deve dirigir o olhar em direção aos grupos em que se multiplicam as carências. E ressalta que ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território. Mas também tem haver com as práticas sociais e culturais que dão sentido e pertencimento.

Exemplificando, a cultura e usufruir da cultura está assegurado na Constituição brasileira (BRASIL,1988), entretanto é desigual a distribuição de equipamentos culturais. Sendo assim, diante da disparidade e da desigualdade de acesso à internet, ao cinema, ao teatro, jovens por meio de suas práticas sociais com as rodas dão sentido a sua existência através da micropolítica. Agenciando por meio do ativismo um novo devir para si e para os seus.

Cabendo para o exercício da cidadania cultural a pauta da afirmação da diferença, que deve estar unida a uma luta pela reforma do Estado, não apenas para que aceite os jovens periféricos, ou a arte da periferia, mas também para assegurar iguais possibilidades de acesso aos bens da globalização: acesso à informação, à energia, ao saneamento básico, à trocas de informações ou uma educação pública de qualidade.

A roda cultural neste sentido se configura para a juventude de Duque de Caxias como um tripé estratégico e político para se repensar a cidadania: a cidadania racial, de gênero e ecológica. Surgindo uma multiplicidade de reivindicações por meio da arte e consumo cultural que configuram uma dimensão do exercício da cidadania.

2.2 - JUVENTUDE E CIDADANIA CULTURAL

É notório que a juventude de Duque de Caxias, utiliza do Hip Hop que é reconhecido culturalmente como foro onde se desenvolvem redes de intercâmbio de informações e aprendizados no qual por meio do grafite, da rima em coletivo há o desenvolvimento público do exercício da cidadania. Os jovens de Caxias recorrem a mídia: como rádio, televisão e internet, para conseguir o que às instituições cidadãs não proporcionam: serviço, justiça, reparações ou simples atenção.

A mídia fascina porque escuta, a troca de informações entre jovens que vivem o mesmo contexto de exclusão social dialogam entre si e encontram em coletivo na juventude racializada por meio da arte uma categoria de embate às políticas de extermínios do Estado.

Por meio da arte eles redefinem o senso de pertencimento com o território, buscam desfrutar de uma melhor qualidade de vida e promover isto para os seus pares. Canclini discorre que o direito de ser cidadão se restringe às elites.

E isto se torna peça fundamental para entender como é negado para sujeitos periféricos, moradores da Baixada Fluminense o direito ao sensível, por ser um bem de consumo caro, os valores dos teatros são altíssimos, pelo fato dos equipamentos culturais estarem distantes do lugar onde eles moram. Ou pelo fato de a renda ser insuficiente para custear o lazer.

É necessário salientar que ao consumir Hip Hop, também se pensa, pois de acordo com (CANCLINI,1997) ... ao consumir estamos fazendo algo que sustenta, nutre e, até certo ponto, constitui uma nova maneira de ser cidadãos.

Ao consumirem Hip Hop os jovens dialogam sobre o interesse público e transbordam a esfera das interações políticas clássicas, logo constroem alternativas com linguagens, estratégias de sobrevivência, comunicação e tocam no combate ao racismo, levantando a variedade de necessidades e demandas da população.

2.3 - SOCIEDADE EM REDE E JUVENTUDE

O século XX é marcado pela transformação da cultura material, pelo paradigma tecnológico, que se organiza em torno da tecnologia da informação. Este fenômeno (CASTELLS,1999) denomina sociedade em rede, com a apropriação da internet e seus usos pelo sistema capitalista. Uma nova ordem de ser e estar no mundo é instaurada, mediada pelo ciberespaço. De acordo com (LASTRES,1999):

[...] a nova ordem como sociedade rede (*network society*): resultante da revolução das tecnologias da informação e da reestruturação do capitalismo. A nova ordem é então caracterizada pelo formato organizacional interativo pela transformação das bases materiais da vida, do espaço e tempo, bem como pela cultura da realidade virtual construída por um sistema de mídia pervasivo, interconectado e diversificado (p. 76).

Pierry Lévy (2009) denomina como cibercultura, pois entende que no ciberespaço a partir da realidade virtual, que é criada por meio da informática, as pessoas experienciam uma nova relação espaço-tempo.

Nesta sociedade da informação, linguagens, imagens, usos, percepções, identidades são formadas, há trocas simbólicas no emaranhado da rede social.

Partindo desta premissa, a análise das redes sociais das rodas culturais da Batalha do Raul Cortez e da Roda do Centenário se dão na perspectiva de compreender como ocorre a cultura comunitária virtual destes produtores, que por meio do ciberespaço experienciam as potencialidades do meio virtual para divulgar suas rodas, ou suas ações, para interagir com o outro e para reafirmar sua identidade.

Com a democratização do acesso às tecnologias de informação: celular, notebook, computador, houve a criação de um novo lugar de troca de informação e conhecimento, no ambiente virtual.

O uso das redes sociais para os produtores da Batalha do Raul Cortez e da Roda do centenário são instrumentos de produção de discursos e signos da juventude e para a juventude do Hip Hop.

CAPÍTULO 3 - AGENCIAMENTOS DA JUVENTUDE DE DUQUE DE CAXIAS

O presente capítulo apresentará quem são as jovens negras de Duque de Caxias que agenciam as rodas culturais e batalhas de rimas, abordará as rodas de rimas antes da Pandemia de Covid-19 e apresentará a definição do que é a batalha de rima.

Especificamente jovens mulheres e negras no cenário Hip Hop, produtoras das batalhas de rimas. É de suma relevância salientar que o Movimento Hip Hop, está inserido na cultura periférica ou cultura popular, se constituindo como oportunidade de entretenimento e resistência para os jovens da periferia. Nisto vale refletir sobre o papel da mulher negra e produtora nesses agenciamentos.

Em consonância com Djamila Ribeiro (2018, p. 21) ser mulher negra na conjuntura da atualidade conta com aspectos ligados à hegemonia estruturada pelo racismo patriarcal heteronormativo. A categoria “mulher” para a autora não pode ser universalizada, bem como o conhecimento e a produção artística não podem ser hierarquizados. A mulher negra e sua produção, sua voz, em sua pluralidade, são portadoras de legitimidade.

É necessário antes de falar sobre as atuações das produtoras negras Malê - Alexandra Mércia e Drikka - Adriana duas jovens moradoras de Duque de Caxias, fazer uma breve história das mulheres atrelada a economia do cuidado, que se dá em marcos temporais: Antes do século XIX após a diáspora forçada mulheres negras são utilizadas como MÃE PRETA, doadora do cuidado e em estado de servidão, cuidando da criação das crianças brancas e sendo máquinas de reprodução de mão de obra escrava.

A mulher negra e sua família, quando esta mulher não exercia o papel de mãe preta na Casa Grande, cuidava dos seus filhos e auxiliava seus companheiros de forma solidária, também foram de suma importância para preservação e proteção dos costumes das identidades negras.

No século XIX para a mulher negra em comunidades e periferias o cuidado é resistir, organizando como nos séculos anteriores as vidas nas favelas como nos quilombos e nos terreiros, na perspectiva de um cuidado comunitário e afetivo, resgatando a herança ancestral. As mulheres negras em síntese são responsáveis pela manutenção da vida e da saúde.

Atualmente os lares brasileiros em sua maioria são chefiados por mães solas, mulheres negras, cerca de 56,9% dessas famílias vivem abaixo da linha da pobreza (IBGE,2016).

Drika e Malê organizam batalhas de rimas, cujo objetivo principal é usar a arte como veículo de transformação cultural positiva através da promoção dos direitos dos jovens periféricos. Com intuito para além disto de promover o protagonismo das mulheres racializadas na arte. Promovendo narrativas para si e para o território para além da mídia hegemônica marcada de estigmas e preconceitos.

Exemplificando e dialogando com (Bernardino-Costa, 2015) no interior da luta em espaços políticos culturais, tais como a Batalha do Centenário quanto da Batalha do Raul Cortez tem-se um movimento de recriação de valores, denominado de reexistência. As batalhas se configuram como movimentos coloniais, pois objetivam superar o padrão de poder constitutivo na sociedade capitalista e patriarcal por meio de um agenciamento de fissura pela promoção da arte para pessoas que não tem acesso por atravessamento de renda e território, como os moradores do Complexo da Mangueirinha na periferia da Baixada Fluminense.

E quem são estas mulheres? Adriane Fernandes, conhecida como Drika tem 25 anos, jovem, negra, mãe é artista, produtora cultural e empreendedora, atua há cerca de dez anos em rodas na Baixada Fluminense e em 2018 iniciou seu projeto da Roda Cultural do Centenário no maior complexo de favelas de Duque de Caxias. Alexandra Mércia, conhecida como Malê tem 26 anos, jovem, negra, desde criança tem uma relação íntima com a arte e em 2015 iniciou sua vida em saraus no município de Duque de Caxias recitando poesia, atualmente é uma das idealizadoras da Batalha do Raul Cortez. No próximo subtítulo iremos compreender o que de fato são as batalhas de rima, com uma abordagem descritiva.

3.1 - BATALHA DE RIMA

As batalhas de Rap são duelos entre rap's , na modalidade freestyle ou livre, onde MC's versam sobre um tema que pode ser sorteado e os rap's devem rimar sobre a temática, os temas variam sobre questão social: gênero, raça, classe, política, racismo, violência e também tem a modalidade batalha de sangue no qual eles rimam e quem perde está eliminado do torneio.

Uma batalha onde dois rap's rimam, dura em média dois minutos e meio à três minutos, com round's de trinta segundo, onde a plateia decide quem foi o melhor de dois ou de três. O vencedor ganha além do prestígio entre seus pares, alguma premiação ou em dinheiro, ou em brindes como camisa, boné.

As batalhas ajudam o artista de rua a se tornar conhecido no circuito cultural do seu município e do seu estado. Agenciando o protagonismo periférico.

3.2 - RODA CULTURAL BATALHA DO RAUL CORTEZ

Figura 2. *Print* de postagem Logo da Batalha do Raul Cortez do Facebook da Batalha do Raul Cortez



Fonte: <https://www.facebook.com/BatalhadoRaulCortez/>

A iniciativa para a construção da Batalha do Raul Cortez partiu da DJ Aline Brandão, do Mestre de Cerimônias MANODI e da Mestre de Cerimônia Alexandra Mércia ou Malê , em meados do ano de 2017, jovens negros moradores de Duque de Caxias e Belford Roxo, na Baixada Fluminense. A história começou quando esses jovens resolveram se reunir, em 2017, na frente do Teatro Raul Cortez, na praça do Pacificador.

Eram jovens que ainda estavam no ensino médio que gostavam de hip hop, militantes da rua e artistas.

Nas primeiras batalhas iam conseguiam que fossem vários jovens, colegas da escola, vizinhos. Em 2018, com a venda ou como eles dizem o “corre” na venda de refrigerantes e bebidas no bar, conseguiram comprar o primeiro equipamento de som, passando o “chapéu” para a “família” que são os participantes da batalha, quem curte a roda. Ao longo dos anos a batalha conseguiu envolver diversos artistas.

Entre 2017 e 2018, criam uma página no facebook, uma plataforma que possibilitou a publicação de fotos, vídeos, músicas, batalhas de diversos rap's e coletivos de artistas criando uma rede onde era possível divulgar o cenário cultural da Baixada para outras rodas e batalhas no Rio de Janeiro.

Os organizadores da Batalha do Raul Cortez, desde sua primeira edição, fazem distribuição de sopão na Praça do Pacificador, pois recebem doações de alimentos das pessoas que vão para a batalha, em sua maioria jovens.

Em sua última edição, no ano de 2019, antes da pandemia de Covid 19, segundo relatos dos organizadores, a batalha reuniu mais de 500 pessoas, o que gerou uma esperança de que as próximas batalhas contariam com um público maior.

3.3 - RODA CULTURAL BATALHA DO CENTENÁRIO

Figura 3. *Print* de postagem Logo da Roda Cultural do Centenário



Fonte: <https://www.facebook.com/rodaculturaldocentenario/>

A Roda Cultural do Centenário começou em 2018 com Adriane, produtora cultural da Roda do Centenário e fundadora do Projeto sociocultural “LigaNós” com cultura, entretenimento, oficinas de reforço para as crianças a partir da educação, as crianças não tem a convivência maior com o universo escolar, porque o governo poderia dar. O coletivo “LigaNós” conseguiu ocupar quatro lugares no complexo do Centenário, fizeram três mutirões de grafite em 2019 no Santuário, praça da Igrejinha, Corte 8; Além de atividades com as crianças como oficinas de artesanato, pintura, corte e colagem, serviços aos moradores: corte de cabelo grátis, maquiando as mães do território na valorização da autoestima das mulheres. Houve edições de teatro, palestras, gincanas e no final de 2019 fizeram um mutirão no Campo do Tricolor.

A produtora cultural Adriane, apelidada carinhosamente como Drikka pela comunidade por ser mulher, negra e mãe, tem uma preocupação com a educação e com o lazer das crianças do Complexo de favelas que constitui o centenário. Sua ação junto aos jovens é numa perspectiva dialógica e didática no intuito de fornecer lazer e mobilizar os próprios moradores na construção de um território em que os moradores possam viver bem.

Por todas as ações se constituírem de forma voluntária, muita das vezes o trabalho da Drikka e dos outros dj's são atravessados pela colaboratividade dos

moradores e de outros artistas com os Dj's e MC's da Batalha do Raul Cortez, eles se definem como "família" e no "corre" da batalha de rima, dos mutirões de grafiteagem agem na promoção de uma vida mais digna para os seus.

Com a pandemia de Covid-19 as batalhas de rima foram fomentadas nas plataformas virtuais facebook, instagram e Youtube.

3.4 - A PANDEMIA DE COVID-19

Em março de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia global devido ao número de casos de pessoas infectadas com o coronavírus (Sars-Cov-2), causador da doença Covid-19. Em 20 do mesmo mês, no Brasil é decretado estado de calamidade pública. Houve a determinação de uma nova rotina no país, com a recomendação de que as pessoas ficassem em casa para que o vírus não fosse propagado e para que o SUS não ficasse sobrecarregado.

Os trabalhadores que podiam, seguiam trabalhando em home office, uma realidade que não existiu para todos os trabalhadores, principalmente moradores da Baixada Fluminense, que em sua maioria trabalhavam em áreas e setores, ou na informalidade e a opção de estar em casa não pode ser seguida.

As rodas culturais foram suspensas, os eventos marcados foram adiados ou cancelados gerando uma escassez de renda para quem vive da batalha de rima. O que gerou um cenário de insegurança alimentar.

3.4.1 - A BATALHA DO RAUL CORTEZ NA INTERNET E NOS TERRITÓRIOS NA PANDEMIA

Com objetivo de levantar e organizar informações para análise, mergulhamos no conteúdo do Instagram e Youtube da batalha do Raul Cortez e esmiuçamos vídeos, textos, fotografias dos últimos dois anos, 30 de março de 2020 até 16 de maio de 2022. Foram 18 postagens no Instagram e uma postagem no Youtube em 30 de dezembro de 2020. Na primeira postagem no começo do isolamento na comunicação da produção dizia:

Nesta primeira postagem é notório que o distanciamento pegou todos os envolvidos com a batalha e com a roda cultural de forma repentina

Figura 4: *Print* de postagem do Instagram da Batalha do Raul Cortez do dia 30 de março de 2020.



Fonte: Instagram oficial da Batalha do Raul Cortez

“E aí família, como vocês estão? Fase difícil que estamos passando né? Mas lembrem-se que tem gente que vive em fase difícil a vida inteira.. Então um teto, saúde, arroz e feijão pra uns é pouco, mas pra quem não tem nada, é MUITO. Fiquem em paz e se cuidem”. (BATALHA DO RAUL CORTEZ, 2020)

Nesta primeira postagem é notório que o distanciamento pegou todos os envolvidos com a batalha e com a roda cultural de forma repentina e a rua não foi mais lugar possível, os organizadores da Batalha do Raul Cortez evidenciam que estava difícil o distanciamento, mas que para além da necessidade da rua como lócus de trocas, muitas outras pessoas tinham outras necessidades tão importantes quanto, necessidades materiais como se alimentar e como os produtores são engajados na ajuda aos moradores de rua com a questão da alimentação e o sopão deixam o recado de que a fome está assolando o território.

Figura 5: Print do vídeo de youtube do RESUMÃO da Batalha do Raul Cortez 2020



Fonte: Página do Youtube da Batalha do Raul Cortez⁶,2020

A imagem da postagem do Youtube sintetiza o ativismo nas redes sociais da Batalha do Raul Cortez, com a impossibilidade da rua, houve um deslocamento para as mídias digitais possibilitando que os vínculos estabelecidos com os frequentadores da batalha se perpetuassem com a ausência do espaço físico como espaço possível.

O trecho apresentado descreve o vídeo do Youtube sobre o Resumão 2020 da Batalha do Raul Cortez – Duque de Caxias – RJ, apresentado no contexto da pandemia do novo coronavírus, quando as rodas culturais pararam, as barreiras sanitárias impossibilitaram a circulação das pessoas. Para sobreviver no imaginário dos frequentadores das rodas culturais, jovens periféricos e, portanto, os mc's, rap's, artistas envolvidos na roda, não serem esquecidos, mas lembrados em uma retomada após a pandemia, uma série de estratégias foram criadas pelos fomentadores das rodas culturais, dentre elas as lives, os vídeos pocket sobre a batalha de rima. As comunicações no Instagram e no Youtube possuem o objetivo de mitigar os impactos da pandemia em Duque de Caxias e, ao mesmo tempo, fazer um registro das narrativas sobre a pandemia do coronavírus por meio dos artistas.

⁶ Ver mais em <<https://www.youtube.com/watch?v=R7rVjV8ns0I>> Acessado em 15/03/2021

A roda cultural é uma expressão local da juventude. No Rio de Janeiro em 2018 a roda cultural se tornou Patrimônio Imaterial do estado, o que resultou na descriminalização das atividades dos artistas envolvidos nesta atividade.

No vídeo no qual ManoDimc, CoimBrazero e Dj Brandão falam:

“salve, salve, família. Tamo brotando aqui, pra como, falar desse 2020 que foi pesado, como tenso, carnaval, BDRC, pandemia, natal, ano novo e fé tá ligado”?

“Então vamos falar da primeira parte, carnaval, não, dá BDRC. Então na primeira edição geral brotou, vamos lembrar, brabo”.

“OS BRABOS TÊM NOME ENTÃO NA BDRC O QUE VOCÊS QUEREM VER, SANGUE!!! RESPEITA BXD, O QUE VOCÊS QUEREM VER, SANGUE. TACA FOGO BRANDÃO!”

“A primeira edição foi muito braba, muito braba, não parava de chegar gente, já estava surreal, foram cerca de 500 pessoas, foi monstruoso. Gratidão a todos que compareceram. Esse ano vai dar bom pra caraca para todos envolvidos na BDRC, ATHENA campeã. Várias minas botando a cara pela primeira vez para recitar, tem muito mais mulheres no cenário lgbtqi. Essa diversidade é fundamental para o Hip Hop”.

Dj Brandão disse que já haviam confirmado MC's de estados próximos Rio de Janeiro, São Paulo. Não tinham tanta informação do tamanho do problema e foi brabo, ManoDimc disse que é importante frisar que no final das apresentações da roda cultural serviam sopão para as pessoas em situação de rua, chegavam e quando as pessoas em situação de rua viam os produtores da roda, ajudavam a carregar a caixa de som, deixavam tudo limpo e gostavam do movimento.

A DJ Brandão agradeceu o Movimenta Caxias, que fortaleceu a batalha do Raul Cortez, porque enquanto havia a batalha antes da pandemia, conseguiam arrecadar alimentos com os frequentadores da batalha, passavam o chapéu, mas depois, os produtores não tinham de onde tirar tanto o alimento quanto os materiais necessários para distribuição da sopa.

BDRC. **Resumão**.BDRC,2020. 1 vídeo (12min 22 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R7rVjV8ns0I>

Respeita a Baixada se tornou uma marca que começou por volta dos anos 2014, com o início das rodas culturais, em síntese #RESPEITA BXD que é repetida diversas vezes ou em postagens no instagram, ou em postagem do youtube ou em comunicações no facebook como narrativa para dizer que a Baixada existe, os moradores deste lugar possuem história, identidade e uma trajetória de luta, respeita a baixada remete as gírias no universo do funk, respeita minha história no sentido de dizer e aí a partir de uma análise interpretativa ao longo da pesquisa de sujeitos periféricos falando sobre si e pontuando a todo instante que são sujeitos de direito e respeito, como se nas narrativas, nas rimas e nas atuações evocassem a todo momento existimos e merecemos respeito.

E aí começaram a fazer vídeos no Instagram, postar fotos pra conseguir ajuda através das redes sociais e começou a dar muito certo, não só o Movimenta Caxias que fortaleceu, mas muita gente, até fora de Caxias, da Baixada que viu e sentiu a necessidade de ajudar, foi muito importante distribuir sorrisos, energias. Todas as

semanas eles precisam de ajuda na distribuição, além da troca de alimento tem que haver troca de energia, ideia, no sentido de ajudar.

De acordo com Brandão e Mano Minc a tia Jussara é quem cozinha e é considerada a melhor sopa de Caxias na semana inteira, a necessidade do coletivo é isopor e colher, além de uber ou alguém pra ajudar no transporte que fortalece muito, a distribuição ocorria às terças, às 20:00, atualmente ocorre às segundas-feiras.

A batalha do Raul Cortez não aconteceu porque não tem espaço pra ter segurança para as pessoas, porque não querem causar aglomeração e não tem autorização para o fomento da batalha na pandemia na praça do Pacificador.

As postagens no instagram versavam sobre o movimento Hip Hop, seus protagonistas, rappers, Djs, atividades e conteúdos produzidos pela batalha do Raul Cortez. Durante este período a Batalha do Raul Cortez esteve envolvida em lives, atividades nas ruas no que tange a distribuição de alimentos e retrospectivas dos momentos que a roda era possível, além de poesias.

As postagens com poesia versavam sobre solidariedade, denúncia sobre o racismo como no caso do poema declamado pelo Suawe:

Figura 6: *Print* de postagem do Instagram da Batalha do Raul Cortez do dia 18 de agosto de 2020.



Fonte: Página do Instagram : Sauwe,2020

A poesia do Sauwe em forma de rima, retrata a vida de trabalhadoras e trabalhadores, que mesmo diante da pandemia de Covid-19 saem de suas casas às cinco da manhã para pegar o trem Gramacho e ir trabalhar na Zona Sul do Rio de Janeiro, diz sobre a realidade escondida por trás dos prédios bonitos, dos signos do Pão de Açúcar, Cristo Redentor. Diz muito sobre para além do cenário das novelas

de Manuel Carlos, fala das pessoas comuns, que pegam ônibus, trem. O poeta Sauwe tenta mostrar em síntese a vida cotidiana dos moradores da Baixada Fluminense, os trajetos, desafios e vivências, é o que retrata o diálogo ausência e violência versus o poder da arte como discurso para um outro olhar e agenciamento possível para si e para Duque de Caxias como podemos perceber na transcrição abaixo:

Cidade Maravilhosa

Atrás de prédio bonito, existem morros em conflito
 Quando andar por aqui, cuidado para não tomar um tiro
 Que a cidade maravilhosa é só pra gringo, mas ela continua cheia de encantos mil...
 Tem o samba, tem o carnaval, tem a feijoada, mas não tem racismo no Brasil
 Pra andar por aqui tu nem precisa de um mapa, pra te guiar só um bom astral
 Mas cuidado pra não confundirem teu guarda-chuva com a parafal
 Tu vai tomar vários tapas na cara e vários socos no peito
 E ainda vai ter que ouvir tinha que ser preto
 Vão falar que tudo que tu tem, tu deve pra imperatriz
 Mas esquecem de falar que seus ancestrais construíram esse país
 Entre chicotes e correntes, unhas e dentes
 Pra minha gente não chegar lá, só se a canoa virar
 Mas a vida continua como trem a todo vapor
 A fumaça que se mistura no cheiro do suor do trabalhador
 Todo mundo ficou feliz quando ele chegou
 A esposa ele beijou
 O irmão ele abraçou
 Aqui filho, olha o que o papai comprou
 Que será que ela disse pro filho no dia que o papai não voltou
 Só vai ter lugar pra senhora quando chegar na central
 E nem adianta fazer cara de mau
 Mas, olha só que legal
 Vai levar minha vida e só me paga um real
 São contraditórios
 Igual matar em nome de Deus
 Tudo que eu quero pra mim, eu desejo pros meus
 Felicidade e saúde
 E que cês orem pela mãe do Mateus
 Cidade Maravilhosa
 (SAUWE,2020)

É um retrato da violência policial nas favelas cariocas, cuidado para não confundirem o guarda-chuva com o parafanal. Em 2018, um garçom foi assassinado pela polícia militar após confundirem o guarda-chuva que o trabalhador estava usando com uma arma de guerra, em uma comunidade carioca, o Chapéu-Mangueira e essa vida virou mais uma na estatística.

Falou sobre as mães, as tias, as domésticas, que abrem o centro do Rio de Janeiro, que acordam cedo, pegam o trem, que passam mais horas no transporte público do que em casa, que muitas das vezes o único lazer que possuem são as novelas das 22:00.

Fala deste corpo negro, em movimento, que a vida vale pouco, ou quase nada, fala da maldade disfarçada de fé, que violenta pessoas que não são da família tradicional brasileira: como corpos negros, pessoas gays, lésbicas, ou que cultuam religiões de matrizes africanas e são perseguidas.

Mateus foi um jovem de 28 anos que foi assassinado em Duque de Caxias e que morreu nos braços da mãe, orem pela mãe do Mateus é orar por várias mães que tiveram seus filhos arrancados pela violência do estado.

A última postagem do Instagram foi sobre o retorno das rodas de rima, que aconteceriam no mês de maio, mas por não autorização da prefeitura, ocorrerá em junho. Os frequentadores da BDRC e os organizadores estão ansiosos para esse momento de reencontro. Momento de ver a rua pulsar.

3.4.2 - A RODA CULTURAL DO CENTENÁRIO NA INTERNET E NO TERRITÓRIO NA PANDEMIA

Com objetivo de levantar e organizar informações para análise, mergulhamos no conteúdo do Instagram e Youtube da batalha do Centenário e esmiuçamos vídeos, textos, fotografias dos últimos dois anos, de 12 de abril de 2020 até maio de 2022. Foram 98 postagens no Instagram e nenhuma postagem no youtube durante a pandemia, a Drika adotou o modelo de lives, ocorreram 4.

Figura 7: *Print* de postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 30 de março de 2020.



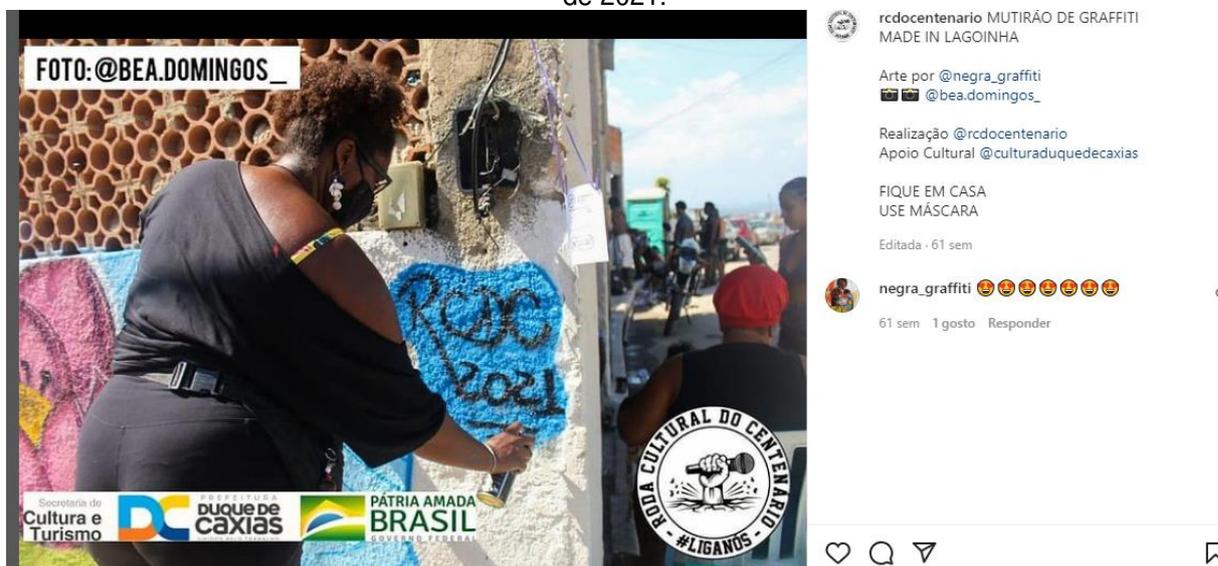
Fonte: Página do Instagram Roda do Centenário⁷,2022

⁷ Ver mais em <<https://www.instagram.com/p/B-5ciwNhjT0/?hl=pt>> Acessado em 15/03/2022

A primeira postagem do Instagram na pandemia de Covid-19, ocorreu no dia 12 de abril, com a apresentação do *#RapResistênciaViva* que foi o projeto que buscou incentivar, através de solidariedade, o apoio aos artistas independentes em situação de extrema vulnerabilidade, aprofundadas em decorrência da pandemia mundial do coronavírus. Na postagem cita que é de conhecimento de todos a realidade de diversos artistas que diariamente sobrevivem às margens do acesso aos direitos básicos como alimentação, moradia e saúde, mas que com a pandemia se aprofundou a desigualdade diante as novas práticas de isolamento social, que determinaram a paralização dos eventos e rodas culturais, acentuando o desemprego. Nesta postagem há o número de uma conta bancária para que as pessoas pudessem doar para o coletivo ajudando os produtores culturais de Duque de Caxias.

Em síntese durante a pandemia além das arrecadações e doações a produtora cultural Drika organizou lives com artistas do movimento Hip Hop negras para falar sobre o racismo, sobre como a pandemia atingiu a categoria dos artistas e a partir da vacinação Drika começou a atuar no território, com mutirões artísticos de grafite para embelezar o complexo, como visto na imagem abaixo:

Figura 8: *Print* de postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 01 de abril de 2021.



Fonte: Página do Instagram da Roda Cultural do Centenário⁸,2021

É interessante perceber como a arte é utilizada como instrumento para embelezamento do território e como por meio de mobilização na rede, diversos

⁸ Ver mais em <https://www.instagram.com/p/CNIHj_zBYuj/?hl=pt> Acessado em 16/03/2022

moradores acabaram participando de forma coletiva num processo de revitalização do Complexo.

Os organizadores da Roda Cultural do Centenário acabam tornando as ruas e vielas do complexo como lugares possíveis para troca, para o fazer e o viver sensível, jovens estimulam os moradores a reforçarem sua relação de afeto e pertencimento com o Complexo.

Outras duas postagens significativas que expressam como a produção da roda cultural do centenário é um fazer político para que o direito à cultura seja assegurado, mesmo diante das mazelas sociais que o território tem são uma que faz referência ao circuito de exibição de filmes na pandemia. Visto que ir ao cinema é algo caro e muitos moradores não tem acesso a este equipamento cultural, Drika e outros produtores da Roda cultural do Centenário fizeram um tour de exibição de filmes que remontam a história das rodas culturais, de filmes que versam sobre a identidade negra.

Neste sentido, todas as ações da Roda Cultural do Centenário evidenciam que a arte é política e é comprometida com o fortalecimento da ideia de que cultura é um direito.

Como podemos perceber abaixo:

Figura 9: Print de postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 11 de outubro de 2021



Fonte: Página do Instagram da Roda Cultural do Centenário⁹,2021

⁹ Ver mais em <<https://www.instagram.com/p/CU6VZD1NpXZ/?hl=pt>> Acessado em 13/03/2022

Um dado importante é que para o tour de filmes no complexo de favelas, a produtora Drika participou de um edital de fomento para projetos culturais no município e com a verba que recebeu tocou o projeto, impactando na vida de centenas de moradores.

Na imagem há a exibição de um filme para as crianças do Complexo e nesta perspectiva podemos perceber que a atuação da Roda do Centenário está comprometida com o futuro dos moradores do Complexo e ao exibirem filmes, mobilizarem roda, criam uma alternativa de lazer para a região. Mudando o imaginário do Complexo, quando colocam os equipamentos nas ruas a mágica acontece. Na comunidade do Centenário é perceptível pelas imagens a formação de plateia como mudança, a rua como um lugar possível, mesmo o território sendo marcado pelo estigma da violência, como podemos observar logo abaixo:

Figura 10: *Print* de postagem do Instagram da Roda Cultural do Centenário do dia 27 de novembro de 2021



Fonte: Página do Instagram da Roda Cultural do Centenário¹⁰,2021

Na descrição desta postagem há a frase: as crianças têm mais necessidades de modelos do que críticas. “O hip hop se mantém vivo inspirando a conhecer cada dia mais a arte”. Nesta postagem é possível ver imbricado o papel pedagógico e político do Hip Hop, quando os produtores jovens mobilizam rodas de cinema para as crianças, são pedagógicos no sentido do Paulo Freire de possibilitar outra leitura de mundo para as crianças. Para além disso, a exibição dos filmes sobre a cultura Hip Hop se torna ferramenta para:

criar uma diversão agradável e uma arte séria para os

¹⁰ Ver mais em < <https://www.instagram.com/p/CWyoU0RPGw8/?hl=pt>> Acessado em 21/03/2022

rituais dos jovens; criar novas maneiras para escapar da miséria social; explorar novas respostas para significado e sentimento em um mundo dirigido ao mercado. (DARBY; SHELBY, 2006, 2006, p.15)

Foi muito falado na pandemia da arte como respiro, analisando as formas que a Batalha do Raul Cortez e a Roda Cultural agiram durante a pandemia, foi mais do que se pensar da arte como respiro, mas da reivindicação por meio dos atores envolvidos no fomento das rodas, da exibição de filmes, da distribuição de cestas.

Do envolvimento da arte como nas reflexões de Nietzsche em sua obra “ A vida como obra de arte”, a partir da premissa de que do nada, ou da impossibilidade de ver expectativas no local, com o niilismo, os produtores adotam uma atitude de niilismo ativo, ou seja, por meio da arte criam um devir possível para si e para os seus.

Entendendo a arte como potência e caminho para se humanizar e para humanizar o próximo, além de perceber o quanto são sujeitos de direitos e possuem o direito ao sensível.

Para compreender melhor a partir das narrativas das produtoras da Batalha do Raul Cortez e do Centenário trago algumas respostas que foram coletadas por meio de entrevistas no mês de março com a Malê e com a Drika, segue abaixo alguns trechos.

Pois por meio da análise das respostas obtidas na realização das entrevistas com as produtoras culturais da Roda Cultural do Centenário e da Roda Cultural da Batalha do Raul Cortez, é possível compreender com clareza como se constitui o fazer cultural em Duque de Caxias, que é pautado sobretudo por mobilização coletiva da juventude, que apesar das duas rodas serem em locais distintos, há uma similaridade nos discursos a respeito da atuação de cada uma.

Quando questionadas sobre qual a relação com a arte e como é ser produtora. As duas produtoras apontaram como motivação criarem espaços de lazer para que a juventude pudesse ter acesso à produção cultural de Duque de Caxias, e ao mesmo tempo, possibilitam intervenções que mudam a realidade social do território, ressignificando os estigmas de violência e ausência para a região. Observemos a seguir, quais foram os estímulos que fizeram com que Drika e Malê se tornassem produtoras culturais:

Meu nome é Adriane Fernandes, tenho 25 anos, sou artista ,sou produtora cultural e empreendedora.

Minha relação com a produção e a cultura vem desde os 15 anos através do playground rock, que foi um dos festivais mais tradicionais da Bxd dentro do tradicional “clube dos 500”, com eles consegui entender o que era a produção e daí por diante não parei, em 2018 dei início ao projeto Roda Cultural do Centenário que a 4 anos resiste no maior complexo de favelas de Duque de Caxias (Complexo da Mangueirinha). (Entrevista Adriane Fernandes - Roda Cultural do Centenário)

Meu nome é Alexandra Mércia Amorim de Araújo, tenho 26 anos e sou produtora cultural. Minha relação com a arte é desde criança, já gostava de transformar os textos em poesia ou música, mas de fato me reconheci como artista em 2015 quando decidi recitar poesias que tinha feito a partir da minha vivência, mesmo já tendo trabalhado em 2013, fui entender melhor sobre arte só depois. (Entrevista Alexandra Mércia - Batalha do Raul Cortez)

Essas falas revelam que as produtoras das Batalhas do Centenário e do Raul Cortez se perceberam como artistas e produtoras a partir do encontro com outras batalhas, no caso da Alexandra Mércia, ou com o encontro com outra manifestação artística, no caso com a participação de um evento de rock gratuito em Caxias. Ambas se perceberam atuantes no cenário cultural do território na juventude entre 15 e 17 anos. A partir do momento que tiveram encontro com alguma roda, acontece o que é sintetizado na Cartilha da Roda Cultural da ALERJ (Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro). Muitos jovens começam se divertindo e, com o passar do tempo, encontram na cultura hip hop uma perspectiva de vida.

Depois de frequentarem se perceberam como artistas e produtoras culturais, agenciando a roda para outros jovens e ao consumirem o hip hop reivindicam a cultura como um direito.

Ao responderem sobre como é ser produtora cultural antes e durante a pandemia na Baixada, nota-se semelhanças e diferenças nas motivações para produzirem na pandemia e nas maneiras que se mobilizaram para que a produção não parasse diante do Covid-19. Vejamos as respostas das entrevistadas:

“Durante a pandemia tivemos grandes desafios pq artistas e produtores que produziam dependiam do contato com o público se viram de mãos atadas, e foi o momento em que as doações de cesta básica estavam ajudando emergencialmente, logo depois muitos de nós descobrimos os caminhos dos editais”.

“Algumas leis emergenciais de incentivo à cultura foram importantíssimas para o crescimento de muitos de nós como profissional”.

“Agora pós pandemia (que ainda não acabou), estamos com muitos eventos acontecendo e precisamos nos organizar”. (Entrevista Alexandra Mércia - Batalha do Raul Cortez)

“A pandemia veio mais a resistência não parou.. em meio a tudo criamos a rede rap resistência viva que trouxe um pequeno aporte de cestas com mantimentos para fortalecer ainda mais a conexão com esses artistas que alcançou não só a Bxd mas o estado do RJ todo”.

“Além desse apoio criamos lives no instagram que derão um espaço especial para os artistas que estavam em quarentena expor nas redes suas artes”.

“A vacina chegou! E finalmente respiramos melhor, começamos as atividades nas ruas com o mutirão de grafitti MADE IN LAGOINHA que trouxe cor e vida para a parte mais alta do nosso complexo”.

“Segunda dose da vacina chegou e com isso fizemos 3 meses de cinema gratuito para a comunidade como um tour passando por 5 locais”.

“Nossa última edição foi na páscoa, com a nossa primeira páscoa solidária com a distribuição de mais de 400 chocolates para as crianças. Nossa produção irá se reunir para decidirmos os próximos passos, até, com a liberação de eventos e vamos começar novamente a ter a produção nas ruas quinzenalmente”.(Entrevista Adriane Fernandes - Roda Cultural do Centenário)

Essas falas revelam a preocupação das agentes para além de movimentar o cenário cultural de Duque de Caxias, por meio da criação de canais de diálogo no ciberespaço, quando a rua não era possível, a preocupação com os outros artistas e produtores culturais que diante do cenário de impossibilidade das batalhas ocorrer, a renda e as formas de subsistências também acabarem, pois viviam da roda, elaborarem criando soluções para entregar para a população arte, no meio de um cenário de morte, maneiras de sobreviver, se articulando coletivamente para arrecadação e distribuição de cestas e durante o período de incertezas, trabalharem na profissionalização, participando de editais de fomento à cultura.

Ao responderem como foi a atuação na pandemia, é notório na fala de ambas, que há sempre uma preocupação com a comunidade local, tanto na questão da comida, que é uma coisa emergencial e básica, quanto para romper com os estigmas de violência e ausência presentes no território, quanto também para promover o acesso a lazer para os seus pares na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou como tema central a contribuição das rodas culturais de Duque de Caxias, a do Raul Cortez e a da Batalha do Centenário, como instrumentos para a transformação do cenário sociocultural da Baixada Fluminense, bem como os agenciamentos das produtoras locais para que a cultura como direito ocorra neste território. Para melhor compreender todos os aspectos referentes aos agenciamentos das produtoras, foi necessário conceituar o termo Hip Hop, além de contextualizá-lo enquanto uma atividade cultural da juventude periférica.

Ao investigarmos em que circunstâncias as rodas culturais se deram em Duque de Caxias, num primeiro momento olhamos para a organização e realização antes da pandemia, como instrumento para afastar o olhar estigmatizado sobre Duque de Caxias, que retratam a realidade de violência e ausências, mas não define. No decorrer da pesquisa, vimos que na ausência de investimentos do poder público a juventude cria espaços de lazer longe dos cânones, utilizando a rua como lócus para as rimas e produções culturais como maneira de fruição dos direitos culturais.

Para além de reivindicarem a arte e a cultura como direito em diálogo com os moradores promovem fissuras e tessituras na realidade cinza do território com rimas, grafite, apresentação de dança, reivindicando a arte como algo do sensível, mas também como do político, valorizando a identidade negra, periférica e criando um novo devir para os seus.

Percebemos que durante a pandemia houveram diversos desafios para que a roda permanecesse atuando e agenciando mudanças no território, que por meio da coletividade, produtoras culturais viabilizaram pra si e pros moradores de Duque de Caxias além de arte, com os tour's de cinema, ou as batalhas na rede, levaram alimento, visto que muitos artistas passaram por momentos de vulnerabilidade social, devido a ausência de rodas no território.

O impacto gerado através da mobilização nas redes sociais possibilitou que as batalhas ainda se mantivessem vivas e tornou a rede como lócus de trocas, no instagram ou youtube, onde jovens produtores culturais fortaleceram seus laços, atuaram tanto na manutenção de um imaginário para Duque de Caxias atrelado a arte e ao lazer, quanto reforçaram as redes de solidariedade gerando uma corrente de

ajuda entre os artistas que ficaram sem emprego e auxiliando os moradores que estavam passando por alguma dificuldade financeira.

Percebemos nas falas das produtoras culturais que por meio da arte elas se constituem como agentes transformadoras da realidade marcada por ausência e violência, ou seja, elas produzem uma nova forma de viver e usufruir tanto da Praça do Pacificador, quanto do Complexo da Mangueirinha, produzindo narrativas sobre o território, narrativas sobre si e também positivando e reforçando os laços dos moradores de Duque de Caxias por meio da arte. Tornando a rua um lugar possível para o afeto, pra troca, para o aprendizado e reivindicando o direito ao sensível.

A arte dos coletivos das rodas culturais é extremamente importante para que a cidadania cultural dos sujeitos que vivem em Duque de Caxias fosse reconhecida como direito.

Buscou-se neste trabalho ter um olhar sensível para a produção cultural no município de Duque de Caxias, além de perceber que a cultura Hip Hop é um grande instrumento para a juventude reivindicar direitos e mudar a realidade social marcada por ausências. Tornando-se política, engajada e promotora da cidadania plena destes jovens.

Diante de todos os aspectos apresentados, ressaltamos que esta pesquisa ao investigar as rodas culturais em Duque de Caxias, procurou ater-se as especificidades comuns a região com um olhar sensível de quem viveu no território, carregando a esperança de que este trabalho sirva como fonte de inspiração para pesquisas futuras que tenham interesse por esta temática, quanto pela produção de conhecimento sobre este local tão complexo e diverso.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E.N. **Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre rappers de São Bernardo do Campo**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- BATALHA DO RAUL CORTEZ. DUQUE DE CAXIAS. Instagram @b_raulcortez . Disponível em : https://www.instagram.com/b_raulcortez/?hl=ptAcesso em: 20/02/2022
- BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil**. Sociedade e Estado (Unb. Impresso), v.30,p.147-163,2015
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 28/04/2022
- CALABRE, Lia. **Desafios à construção de políticas culturais: balanço da gestão Gilberto Gil**. Proa: Revista de Antropologia e Arte, v. 01, p. 293-301, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia** . En: Crítica y emancipación : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires : CLACSO, 2008- . -- ISSN 1999-8104
- COUTINHO, Carlos Nelson.**Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Direitos culturais como direitos fundamentais no ordenamento jurídico brasileiro**. Brasília: Brasília Jurídica, 2000.
- _____. **Cultura e democracia na Constituição Federal de 1988: a representação de interesses e sua aplicação ao Programa Nacional de Apoio à Cultura**. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004
- DELEUZE, Gilles. (1969). **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DIAS, Marlon Santos. **GESTÃO CULTURAL NA BAIXADA FLUMINENSE: UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS - RJ**. Trabalho de Conclusão de Curso.2019. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Disponível em : https://www.academia.edu/42049744/GEST%C3%83O_CULTURAL_NA_BAIXADA_FLUMINENSE_UMA_AN%C3%81LISE_DAS_POL%C3%8DTICAS_P%C3%9ABLICAS_NO_MUNIC%C3%8DPIO_DE_DUQUE_DE_CAXIAS_RJ. Acesso em Fev.2022
- DUTRA, Leonardo Genaro. **As (re)ações, incertezas e perspectivas dos 'invadidos' com a política de 'pacificação' do complexo da Mangueirinha**.

Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

ENNE, Ana Lucia. **Em “busca de dias melhores”: cultura e política como práticas institucionais na Baixada Fluminense**. RUMORES, edição 12, ano 6, número 2, julho-dezembro 2012.

FANON, Frantz. Peau noire, masques blancs(**Pele negra, máscaras brancas**). Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

Freire-Medeiros, Bianca; LAGES, MAURICIO PIATTI . **A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções***The Mobilities Turn: Flows, Fixities and FrictionsLe tournant des mobilités : fluxes, fixités et frictions. REVISTA CRÍTICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 3, p. 121-142, 2020.

García Canclini, N. (1997). **Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. Editora UFRJ.

GOMES, R. L.. **A Regionalização Do Hip Hop No Brasil Sob A Ótica Da Geografia: Horizontalidades E Verticalidades**.. Revista Geografica de America Central (Online), v. 2, p. 1-10, 2011.

KOZINETS, Robert. **V. Netnografia: Realizando pesquisa netnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Olhares sobre a Metrópole do Rio de Janeiro: Economia, sociedade e território**. Letra Capital/Observatório das Metrópoles. Rio de Janeiro.2010.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, D. A.. **JUVENTUDE E TERRITORIALIDADES URBANAS: UMA ANÁLISE DO HIP HOP NO RIO DE JANEIRO**. Revista de Geografia, v. 2, p. 1-8, 2012.

MORAES, Camila Maria dos Santos. **Favelas ecológicas: passado, presente e futuro da favela turística**. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Giovanna Silveira. **Movimento Hip Hop: Masculino e Masculinizado?. HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 6, p. 128-145, 2019.

SANTOS, Giovanna Silveira. **Contranarrativas periféricas: o movimento Hip Hop como agente de memórias**. 2021. 236 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Arte e educação: a experiência do movimento hip hop paulistano**. IN: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, José Carlos Gomes da. -. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 1, n. 2, p. 39-54, 2012. Disponível em <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/626?lang=fr>> Acesso em 10/02/2022

SUNEGA, Fernanda Alves. **Mano, falta em você razão para viver: o movimento hip hop e as relações de caráter familiar que se estabelecem no interior desse grupo juvenil**. Monografia de conclusão de curso – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Antropologia IFCH-Unicamp. Campinas-SP, 2002.

RANCIÈRE, J. **Política da arte**. Acesso em 2005. Disponível no endereço: www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=3806&ID=206&ParamEnd=9

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

RIO DE JANEIRO. Lei nº7.837/18 de 09 janeiro de 2018. **DECLARA PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO A CULTURA HIP HOP E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS**. Disponível em <<https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/535364529/lei-7837-18-rio-de-janeiro-rj>> Acesso em 12/02/2022

RODA CULTURAL DO CENTENARIO. Instagram @rcdocentenario. Disponível em : <https://www.instagram.com/rcdocentenario/?hl=pt> Acesso em: 20/02/2022

THIONG'O, Ngũgĩ wa. **Sonhos em tempo de guerra: memórias de infância**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

Youtube. BDR.C. Resumão 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=R7rVjV8ns0I&t=33s>> Acesso em 10/02/2022